

## Mikhail Bulgákov e Yeshua Ha-Notzri – evidências da Primeira Busca do Jesus Histórico na literatura soviética

Mikhail Bulgakov and Yeshua Ha-Notzri –  
evidence of the First Quest of the Historical Jesus  
in Soviet literature

ALEXANDER ZHEBIT\*

ANDRÉ LEONARDO CHEVITARESE\*\*

**Resumo:** O romance *O Mestre e Margarida* de Mikhail Bulgákov, no particular, e a literatura e a dramaturgia soviéticas dos anos 1920, no geral, refletem a luta antirreligiosa na União Soviética neste período, que põe em evidência o conflito das diferentes abordagens em relação à solução do “problema do Cristo”. O referido romance, neste sentido, se insere em um contexto político e social de stalinismo, que se fortalece depois do exílio de Trotsky em 1928 e chega ao seu ápice em 1937-1938, quando se observa a ação do ateísmo militante, por um lado, e do confisco da propriedade da Igreja Russa pelo regime soviético, acompanhados pelas represálias contra o clero ortodoxo, por outro.

---

\* Doutor (1985) e livre-docente (1989) em História das Relações Internacionais e Política Externa pela Academia Diplomática do Ministério das Relações Exteriores da Rússia. Formado em Letras (tradução inglês-português) pela Universidade Linguística de Moscou (1973). Professor Associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro na área de estudos de Relações Internacionais (NEPP-DH/CFCH/UFRJ) e no Programa de Pós-Graduação em História Comparada (IH-UFRJ). E-mail: alex@cfch.ufrj.br

\*\* Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (1997). É professor do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (desde 1989) e orientador de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em História Comparada (IH-UFRJ); no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (MN-UFRJ); e no Programa de Pós-Graduação em História (DH-UNICAMP). E-mail: andrechevitarese@yahoo.com.br

**Palavras-chave:** Mikhail Bulgákov. O Mestre e Margarida. Jesus Histórico. Stalinismo. Ateísmo Militante.

**Abstract:** Mikhail Bulgakov's novel *The Master and Margarita*, in particular, as well as the Soviet literature and dramaturgy of the 1920s, in general, reflect the anti-religious struggles in the Soviet Union in this period. Such data illustrate the conflict between the different approaches relating to the solution of the "Christ Problem". In this sense that specific novel is part of a political and social context of Stalinism, which was strengthened after Trotsky's exile in 1928, reaching its peak in 1937-1938, when one observes the actions of militant atheism, on the one hand, and the confiscation of the Russian Church's property by the Soviet regime, followed by reprisals against the orthodox clergy, on the other.

**Keywords:** Mikhail Bulgakov. Master and Margarita. Historical Jesus. Stalinism. Militant Atheism.

I. Mikhail Bulgákov escreve, entre os anos de 1928 e 1940 (MILNE, 1990, p. 5; WEEKS, 1996, p. 4, 11), aquela que seria considerada a sua obra-prima: *O Mestre e Margarida*. No entanto, devido aos problemas enfrentados junto à censura stalinista (MILNE, 1990, p. 1, 5, 189-227), este autor não conheceu a publicação deste seu romance (ANDRADE, 2002, p. 263). Na verdade, a versão integral<sup>1</sup>, sem qualquer tipo de corte, só apareceu trinta e três anos após a sua morte, isto é, em 1973. Desde então, *O Mestre e Margarida* se tornou um clássico da literatura mundial, com traduções para inúmeros idiomas.

<sup>1</sup> *O Mestre e Margarida* foi publicado pela viúva de Bulgákov, Elena Sergeevna Bulgakova (Shilovskaya, de sobrenome de solteira), em novembro de 1966 (parte 1) e janeiro 1967 (parte 2) na revista Moskva. Todas as 150.000 cópias do número de novembro se esgotaram em poucas horas e ambas as revistas rapidamente se tornaram uma raridade bibliográfica (Weeks, 1996, p. 6; Andrade, 2002, p. 264). Esta edição foi censurada em mais de cem páginas, principalmente para atender os censores soviéticos: as partes cortadas foram aquelas relacionadas ao capítulo "O Sonho de Nikanor Ivánovich" (capítulo 15) que trata do tema delicado de interrogatórios e de moeda estrangeira; a narrativa do Mestre (capítulo 24) de que seu vizinho, Aloísy Mogarych, foi o responsável por delatá-lo às autoridades a fim de ficar com o acolhedor flat do Mestre situado no subsolo da Travessa Arbat (Weeks, 1996, p. 243-244); e as referências à nudez e à linguagem chula de Margarida. O texto completo foi publicado em Paris no ano de 1967 (YMCA Press); uma edição completa restaurada foi publicada na Alemanha (Frankfurt am Main) pela Possev Verlag em 1969, com as partes censuradas em itálico. Uma versão do romance, desta vez sem censura, foi publicada em Moscou em 1973, quando a primeira edição completa do romance saiu em forma de livro. Esta versão foi preparada por Anna Saakyants. Finalmente, em 1989, uma nova edição do romance foi preparada para publicação em Kiev por Lidiia Ianovskaia, que checou o texto junto a todos os materiais disponíveis.

II. Em linhas gerais, este romance fala da visita que um homem misterioso<sup>2</sup> e sua corte fazem à cidade de Moscou e de todas as peripécias daí derivadas.

O interesse aqui, porém, reside em quatro capítulos específicos do romance, onde Bulgákov faz referências explícitas a Yeshua Ha-Notzri<sup>3</sup>, bem como a outras personagens históricas que gravitaram em torno dele. Salta aos olhos o tratamento romanceado e cheio de detalhes descritivos realistas que este escritor russo dá à cidade de Jerusalém da primeira metade do século I, bem como a sua interpretação nada ortodoxa aos textos canônicos sobre a “Paixão de Cristo” (WEEKS, 1996, p. 41).

Por apresentar uma visão radicalmente diferente dos quatro Evangelhos, chancelados pelas igrejas cristãs, este conjunto de dados, por que não dizer, “O Evangelho segundo Mikhail”, será analisado à luz do que estava sendo dito até a redação final do seu romance pelos especialistas das denominadas *Vidas de Jesus* (para um aprofundamento, ver: Powell, 1998). Do ponto de vista historiográfico, essas biografias fazem parte do que hoje se convencionou chamar *Primeira Busca do Jesus Histórico*. Para efeito deste artigo, foram selecionadas algumas das mais representativas, devido ao forte impacto que elas causaram no ambiente europeu, no geral, e no próprio russo, no particular.

Buscar-se-á comparar as informações dadas por Bulgákov acerca das suas personagens inseridas na Jerusalém do século I com aquelas advindas das *Vidas de Jesus*, a fim de se estabelecer dados e análises comparativos. Como forma de manter no corpo do texto as informações produzidas pelo referido literato russo, todos os dados extraídos dessas biografias serão situados nas notas e rodapé.

<sup>2</sup> É plenamente possível ler esse homem misterioso, que no romance recebe o nome de Woland, com Satanás. Weeks (1996, p. 43) parece mesmo estar correta quando o associa mais à figura de Satã da Bíblia Judaica do que a Satanás, que desempenha o papel de “adversário” de Deus, na Bíblia Cristã. Uma leitura de Pagels (1996) seria de grande valia para o leitor entender esta distinção.

<sup>3</sup> O nome Yeshua Ha-Notzri é usado por Bulgákov após ser provavelmente emprestado da peça do russo Serguei Tchekin “Yeshua Ha-Notzri. A descoberta imparcial da verdade” (1922) e do livro “The Christ Myth” de autoria de Arthur Drews, traduzido na Rússia em 1906 e fazendo parte de sua biblioteca, o que é confirmado pelos apontamentos encontrados nos arquivos de Mikhail Bulgákov (ver: Enciclopédia de Bulgákov on-line. Disponível em: <[http://dic.academic.ru/dic.nsf/enc\\_bulgakov/60/%D0%98%D0%95%D0%A8%D0%A3%D0%90](http://dic.academic.ru/dic.nsf/enc_bulgakov/60/%D0%98%D0%95%D0%A8%D0%A3%D0%90)> Acesso em: 02 mar. 2014).

III. A ideia de Mikhail Bulgákov de escrever uma obra sobre a vida de Jesus, em um romance de prosa, passa por uma gênese ligada à trajetória de sua vida, conforme observou Viktor Lóssiev, que juntamente com Marietta Chudakova e Lídia Ianovskaya, é um dos renomados estudiosos da obra do referido escritor russo:

Quase toda a obra de Mikhail Bulgákov é de certo modo autobiográfica. Em todo caso, a este gênero podem ser atribuídos todos os seus romances, uma grande parte das peças, algumas novelas e contos. No entanto, não há obras estritamente autobiográficas, a partir das quais se poderia compor uma descrição da vida do escritor, porque sua imaginação literária e fantasia deslumbrante estão invariavelmente presentes em suas obras (LÓSSIEV, 1998).

Nascido em 1891, na cidade de Kíev, Mikhail Afanássievitch Bulgákov absorveu a cultura religiosa de seu pai, um professor de teologia na Academia Eclesiástica de Kíev, a religiosidade de sua família (ambos os pais nasceram em famílias de sacerdotes ortodoxos) e da própria sociedade russa, antes que o destino o mergulhasse no ambiente da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e da Guerra Civil na Rússia (1918-1922). Após se formar como médico na Universidade de Kíev em 1916, ele exerceu a profissão durante a Primeira Guerra Mundial, assistindo ao turbilhão dos conflitos armados e da mudança de regimes na Rússia e na Ucrânia, participando do movimento “branco” anti-bolchevique no rio Don e no Cáucaso. “O meu destino foi confuso e temível”, escreveu Mikhail (Apud BULGÁKOV, 2003, p. 7) ao seu irmão Nikolai em 21 de fevereiro de 1930.

Desde que adentrou no círculo literário da Rússia soviética, ele foi rotulado de “pissátel-popúttchik”<sup>4</sup>, tratamento muito similar ao que foi aplicado a outros nomes dissidentes da plêiade de escritores, tais como: Mikhail Zóschenko, Andrei Platónov, Daniil Kharms, Evguênii Zamiátin. Todos eles, incluindo o próprio Bulgákov, durante a época stalinista, foram sendo gradualmente deslocados da luz da cena literária para a sombra do esquecimento.

O seu romance *O Mestre e Margarida* surge dentro de um contexto político e social de stalinismo, que se fortalece depois do exílio de Trotsky em 1928 e chega ao seu ápice em 1937-1938, quando acontece o auge das repressões.

<sup>4</sup> Em russo, escritor-companheiro de jornada, o que significava a sua origem não proletária, bem como a sua ideologia não necessariamente marxista-leninista. Em suma, ele seria considerado simpatizante ao poder soviético.

Bulgákov é testemunha, especificamente, da campanha, desde o início, do ateísmo militante e do confisco da propriedade da Igreja Russa pelo regime soviético, acompanhados pelas represálias contra o clero ortodoxo. A Igreja Ortodoxa no Exterior, formada em 1920, durante a Guerra Civil, pelos representantes da emigração russa, renuncia ao Patriarcado de Moscou em 1927, depois da declaração do Metropolita Serguei Starogoródskii sobre a cooperação da igreja com o regime vigente na Rússia.

A literatura e a dramaturgia soviéticas dos anos 1920 refletem a luta anti-religiosa na União Soviética neste período, que põe em evidência o conflito das abordagens diferentes em relação à solução do “problema do Cristo”. Como escreve Nadejda Dojdikova:

A necessidade de optar por uma metodologia científica colocava os teóricos nacionais perante duas tradições conhecidas, que se formaram na crítica racionalista do cristianismo no início do século XX. Na literatura ateísta soviética daqueles anos elas ganharam denominações de “escola histórica” e de “escola mitológica”. Cada uma delas propunha o seu próprio modelo de solução científica do “problema do Cristo”, que, de maneira abreviada, podem ser designadas pelas categorias de “Jesus histórico” e “Jesus mítico” (DOJDIKOVA, 2009).

O autor e o ideólogo mais valorizado da “escola histórica” foi Karl Kautsky, cuja obra “A Origem do Cristianismo” (1908) foi usada por V. I. Lênin e, até um certo tempo depois, antes que o “renegado Kautsky” deixasse de ser útil para o governo bolchevique, por seus correligionários Bontch-Bruíevitch e Lunatcharski. A explicação do fenômeno do Cristo por meio de sua personificação como revolucionário e primeiro socialista na história até um certo grau satisfazia a propaganda ateísta do governo soviético, porque se encaixava nos cânones do materialismo histórico. Porém, esta linha encontrou uma resistência feroz do ateísmo militante, que, ao usar o conceito de “Jesus mítico”, advindo da “escola mitológica” (ver nota 17), não somente empreendeu esforços monstruosos para intimidar os representantes da escola histórica e debilitar as suas posições, mas jogou todo o peso da propaganda, acompanhada pelos expurgos stalinistas, dirigidas contra a igreja, para desconstruir o mito do Cristo perante a sociedade. Na liderança do ateísmo anti-mítico reuniram-se Skvortsov-Stepanov (1959), um dos três tradutores de “O Capital” (1910) em russo e o primeiro comissário de finanças do governo bolchevique; o poeta revolucionário Demian Biédnyi (1925); e o ideólogo ateísta Iaroslavskiy. Somam-se a

eles dezenas de sociedades, jornais<sup>5</sup> e revistas<sup>6</sup> ateístas, além de hordas de acólitos propagandísticos que começaram a denigrir e a desconstruir o Cristianismo e a figura do Cristo, usando a obra e a metodologia de Drews.

Segundo Dojdikova (2009), Bulgákov adquiriu o acervo completo das edições da revista “O ateísta operando a máquina” do ano 1924, quando ele visitou a redação no início de janeiro de 1925. A anotação no seu diário, datada de 5 de janeiro de 1925, revela a sensação que ele teve: “Jesus Cristo é retratado como patife e pilantra... Este crime não tem valor”.

É importante frisar que, apesar de nascer em uma família, de onde saíram padres ortodoxos, Mikhail Bulgákov cresceu e foi educado num ambiente de alta intelectualidade, liberdade de ideias, frivolidade de pensamento, fantasias criativas, não necessariamente pias ou rigorosamente sacras. O fato de ele ter escrito a comédia que ridiculariza o clero “O Jugo do Clero” (“Kabalá sviatóch” ou “Molière”, 1930), encaixa-se, a nosso ver, mais na intenção de se conformar com a crítica literária antirreligiosa da época e, talvez, de se indignar do clero que se submeteu ao poder mundano dos soviets, do que na reflexão sobre o embate real entre a fé e a anti religiosidade na Rússia soviética.

No seu romance épico “A Guarda Branca” (1924-1925), Bulgákov refere-se várias vezes à questão da fé. Entre os mais memoráveis, podem ser destacados dois episódios. No primeiro, a oração de Elena Turbin, pela vida de seu irmão ferido Alexei, é dirigida à Santa Virgem com uma emoção singela e uma devoção infinita, de modo que ela sacrifica o casamento com seu marido fugitivo em troca da recuperação de Alexei, este último à beira da morte. E recebe a benção divina: Alexei retorna à vida (BULGÁKOV, 2004, p. 321-324). No segundo episódio, Bulgákov descreve o sono de Providência de Alexei, que sonha estar no Paraíso e se encontra com o coronel Nai-Turs, ainda vivo, e com o *Wachtmeister*<sup>7</sup> Jílin, este último já morto em 1916, logo após a cirurgia executada por Alexei num hospital militar. A descrição do Paraíso e o relato de Jílin sobre a sua conversa com Deus(!) demonstram uma fantasia inacreditável, misturada com humor, ao aproximar a vida celestial com a vida real e as relações humanas, que Bulgákov (2004, p. 80-86) infere indiretamente ao outro mundo. É um exemplo de humanização da proble-

<sup>5</sup> Jornal “Biezbójnik” (O Ateu) (1922-1941); Jornal “Ateíst” (O Ateísta) (1923-1930); Jornal “Antireligiúznic” (O Antireligioso) (1926-1941); Jornal “Voínstviustchii ateism” (O ateísmo militante) (1931).

<sup>6</sup> Revista “Biezbójnik u stanká” (O ateísta operando a máquina) (1923-1932).

<sup>7</sup> Patente de suboficial na cavalaria do exército e na polícia montada da Rússia até 1918.

mática religiosa por Bulgákov no tratamento dos horrores da guerra, que ele próprio vivenciou.

O segundo grande estímulo à criação de uma obra sobre Jesus Cristo proveio do próprio talento literário de Bulgákov. Ele contemplou escrever um romance fantasmagórico e humorado que permitisse envolver leitores, contaminados pelo ateísmo e afastados da religião pela intimidação e pelo medo com relação ao regime, numa história divertida, bem *bulgakiana*, sendo o pano de fundo bem consciente a história realista da crucificação de Jesus Cristo.

O lado de diversão surge desde a introdução da figura de Woland/Satã (ver nota 2) e de sua corte, cuja mágica é usada para proteger e defender os protagonistas da arbitrariedade do mal do poder reinante em Moscou dos anos 1930.

O suposto maniqueísmo do romance, em termos da luta entre o bem e o mal, é provavelmente introduzido por Bulgákov para sublinhar a fraqueza do Céu, no que diz respeito à proteção divina contra a vulnerabilidade dos cidadãos soviéticos aos males da ditadura stalinista, que não se comparam de longe com os males, na sua grande maioria, irrisórios, infligidos por Woland.

O que de certo modo impressionou e estimulou o autor a escrever o romance foi a publicação do conto *Acontecimentos Memoráveis da Minha Vida* de Tchaiánov (1922), no qual se descreve o aparecimento de Satã e, surpreendentemente, o protagonista tem o sobrenome Bulgákov. Esse livro fazia parte do acervo de Mikhail Bulgákov e várias partes do conto relatam cenas e inserem personagens que nos lembram aqueles da obra *O Mestre e Margarida*: o jogo diabólico de cartas (possui elementos do baile de Woland em Moscou); os assassinatos à distância (os atos de *serial killer* Azazello); a descrição de Satã (contendo semelhanças com a de Woland); e o erotismo das cenas de amor e sexo (das personagens Margarida e Guella). A narrativa de locomoções frenéticas e de transformações diabólicas é abordada por Bulgákov em *A Diaboliada* (1924), em que a descrição de instituições soviéticas muito se assemelha com a de *O Mestre e Margarida*.

Porém, há uma grande diferença entre as duas primeiras obras e a última: enquanto que *Venedíktov* e *Diaboliada* tratam de fenômenos sobrenaturais e são criações imaginárias, *O Mestre e Margarida* reabilita, no auge da campanha anti-religiosa soviética, a história evangélica de Jesus, tendo sido escrita na época, quando opiniões em defesa da religião ou mesmo referências religiosas neutras na literatura ou na imprensa poderiam resultar não somente na perda

das regalias e do renome literário de autores, como também na condenação ao desterro, à prisão ou à morte.

Provavelmente indignado com a propaganda ateísta difamatória da imagem do Cristo, visto como “doente mental” ou “alcoólatra”, Bulgákov vê o antídoto ao ateísmo militante na humanização da figura de Jesus, na tentativa de deixá-lo mais próximo do consciente social, mitigando a percepção de sua natureza dual e acentuando a sua natureza humana. Na sua tentativa de personificá-lo, Bulgákov adota a abordagem do “Jesus Histórico”, como será demonstrado mais abaixo.

Assim, por exemplo, a conversa entre Berlioz e o poeta Ivan Bezdómnyi prenuncia a batalha entre as duas tendências contidas no ateísmo do regime soviético – o Jesus Histórico (a versão de Ivan Bezdómnyi) versus o Jesus mítico (a versão de Berlioz) – que toma a forma de humanização em detrimento da mitificação da personagem Yeshua Ha-Nótzri. Porém, Bulgákov nunca nega a natureza divina de Jesus, libertando, no fim do romance, Pôncio Pilatos de seu “cativeiro babilônico”. O romance nasce, a nosso ver, de uma reação intelectual de Bulgákov ao ateísmo militante do governo bolchevique da Rússia nos anos 1920 e mais tarde se transforma em uma obra dissidente e anti-regime stalinista no final dos anos 1930.

### Primeiro Núcleo de Informações

As informações provêm do diálogo travado entre Pôncio Pilatos e Yeshua Ha-Notzri. Este magistrado romano precisa confirmar ou não a sentença de morte do Sinédrio contra este prisioneiro (BULGÁKOV, 2009, p. 24).

O Procurador, mostrando-se bastante entediado com toda a rotina administrativa, em especial aquela que o obriga a ter que conviver eternamente com os inúmeros problemas trazidos pelos judeus, tem informações vagas sobre o acusado (BULGÁKOV, 2009, p. 24): tratava-se de um homem de uns vinte e sete anos de idade, acusado de incitar o povo a destruir o Templo de Yer-shalaim. Ao ser informado desta acusação, o prisioneiro nega-a por completo (BULGÁKOV, 2009, p. 27), deixando claro que o que ele falava ao povo era que o templo da velha crença ruidaria e que em seu lugar se ergueria o novo templo da verdade (BULGÁKOV, 2009, p. 29).

Nota-se, nesta fala final de Ha-Notzri, uma percepção antijudaica, em especial na associação judaísmo como a velha crença / cristianismo como o novo



templo da verdade. O resultado final é que o último sistema religioso viria a substituir o primeiro que, obviamente, ruiria<sup>8</sup>.

A seguir, Pilatos passa a interrogá-lo, querendo obter dados mais precisos a seu respeito. No primeiro momento, o prisioneiro o chama de “homem bom”, provavelmente, para aliviar a tensão e dispor a si o interrogador. Mas a informalidade irrita Pilatos, que sofre de enxaqueca, que pede que o prisioneiro seja castigado pelo tratamento frívolo que lhe foi dispensado enquanto Procurador. O acusado, então, se apresenta: Yeshua Ha-Notzri, natural da cidade de Gamala (BULGÁKOV, 2009, p. 26), cujos pais ele não se lembra (BULGÁKOV, 2009, p. 26, 361), apesar de terem lhe dito que o seu genitor seria sírio<sup>9</sup> (BULGÁKOV, 2009, p. 26). Ele não possui endereço fixo, nem parente, muito menos mulher, caracterizando-se mais como um andarilho e celibatário, que anda de cidade em cidade (BULGÁKOV, 2009, p. 26, 37). Apesar de viver sozinho no mundo, ele é o que se pode dizer diferenciado, pois sabe ler e escrever, além de falar aramaico, grego e latim (BULGÁKOV, 2009, p. 26, 31).

Ao tomar ciência destas informações, Pilatos o vê como um vadio, louco (BULGÁKOV, 2009, p. 26, 31, 33, 36, 40), bandido (Bulgákov, 2009, p. 27), filósofo (BULGÁKOV, 2009, p. 33, 43, 361) e até mesmo pacifista (BULGÁKOV, 2009, p. 43). Yeshua, porém, não se mostra nem um pouco preocupado, abalado ou mesmo chateado com a visão que o Procurador tem sobre si.

Pilatos apresenta-lhe mais uma acusação: a de que ele teria entrado em Yershalaim pelos portões de Susa montado num burro e acompanhado por uma multidão ralé que o saudava aos gritos, como se fosse um profeta. Yeshua nega esta nova acusação, deixando claro não possuir nenhum burro, nem ser conhecido de ninguém em Jerusalém (Bulgákov, 2009, p. 32)<sup>10</sup>, ao mesmo tem-

<sup>8</sup> Não há dúvida, como logo será demonstrado, que este quadro de oposição é resultado da percepção antijudaica que Bulgákov assimilou no seu próprio cotidiano russo, no particular, e europeu, no geral, cuja matriz seria o retrato racializado de Jesus, visto como ariano ao invés de judeu, que se encontrava amplamente disseminado na historiografia da Primeira Busca do Jesus Histórico. Convém aqui ressaltar que neste contexto histórico, esta percepção antijudaica se encontrava absolutamente naturalizada naqueles ambientes fortemente predominadas pelas experiências religiosas cristãs (para um aprofundamento bastante específico e consistente, ver: Eco, 2011).

<sup>9</sup> Renan (1895 (1863), p. 23) fala que a população da Galiléia seria marcadamente miscigenada, esperando, com isso, tranquilizar seus leitores de que Jesus não poderia ser judeu. Quanto à referência ao pai de Jesus ser sírio, existe aqui um bom indício de que Bulgákov conhecia a informação advinda de Celso, em particular aquela que dizia que o pai de Ha-Notzri seria um soldado romano, cuja legião estava estacionada na Síria, de nome Ben Panthera (cf. Keim, 1876a, p. 32).

<sup>10</sup> Pode-se assumir, de forma inequívoca, que Bulgákov baseou-se aqui na narrativa de Graetz

po em que também lhe diz não conhecer alguns indivíduos mencionados pelo Procurador: Dismas, Getas e Bar-Rabban (Barrabás) (Bulgákov, 2009, p. 32). Os dois primeiros, junto com seus comparsas, haviam matado quatro soldados (Bulgákov, 2009, p. 37).

Ao término do interrogatório, Pilatos não encontrou constituição de crime algum em Yeshua (BULGÁKOV, 2009, p. 33). No entanto, o seu secretário lhe diz que ainda pesa sobre o prisioneiro mais uma acusação – possivelmente aquela mais grave. Ao tomar conhecimento, Pilatos pergunta a Yeshua se ele conhece Judas, da cidade de Kerieth. Ha-Notzri diz que o conhece e que, inclusive, teria sido convidado pelo próprio Judas a ir à sua casa para conversarem. Ao chegar lá, ele foi instado pelo seu anfitrião a externar a sua opinião sobre o poder do Estado (BULGÁKOV, 2009, p. 35). Yeshua observa a Pilatos o quanto Judas estava interessado neste ponto<sup>11</sup>. Pilatos quer saber se Judas acendeu as luminárias, ao que Yeshua lhe responde que sim (BULGÁKOV, 2009, p. 35). Tão logo fez esse esclarecimento, Ha-Notzri diz ao Procurador que diante da insistência de Judas, ele acabou falando, entre outras coisas

[...] que qualquer poder é uma violência contra as pessoas e que chegará o tempo em que não haverá mais poder nem dos Césares, nem qualquer outro poder. Isto é, o homem passará para o reino da verdade e da justiça, onde não haverá necessidade de poder algum. Yeshua constata que imediatamente após externar essa posição, uns homens entraram na casa de Judas e o prenderam (BULGÁKOV, 2009, p. 36).

Yeshua constata que imediatamente após externar essa posição a Judas, uns homens entraram na casa do seu anfitrião e o prenderam.

Após ouvi-lo, Pilatos o chama de “criminoso louco”, olha com “ódio” para o secretário do interrogatório e os guardas e pede que eles se retirem, deixando-o a sós com Yeshua, porque se trata da “razão de Estado”. Pilatos se mostra bastante apreensivo e observa que Judas é um traidor<sup>12</sup> (BULGÁKOV, 2009, p. 37).

(1949 (1893), p. 161), onde o referido historiador questiona a veracidade da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, deixando claro tratar-se de “um halo de lendas que contém muito pouco de verdade histórica” ou, em outras palavras, como simples invenção.

<sup>11</sup> É certo que aqui a narrativa de Graetz (1949 (1893), p. 163) foi definitiva para que Bulgákov visse onde residiria a verdadeira traição de Judas: em fazer Jesus falar sobre política diante de duas testemunhas, as quais permaneceriam escondidas, mas que ao mesmo tempo poderiam ouvir o teor da conversa para poder posteriormente reportá-la. Por esse motivo Há-Notzri foi preso e levado até o Procurador.

<sup>12</sup> Cf. Renan, 1895 (1863), p. 160, 393, 396, 405; Keim, 1881, p. 286. Para uma discussão mais aprofundada do que significou historicamente a leitura de Judas como traidor, ver: Chevitaresh, 2008. A condenação de Yeshua é um ato de necessidade para Pilatos, a que ele recorre contra a

Neste momento, Yeshua parece se assustar e faz um pedido a Pilatos: que ele o solte, pois ele percebe que há pessoas (não nomeadas) querendo matá-lo. O Procurador lhe diz que jamais o soltaria, principalmente depois de saber o que ele disse (BULGÁKOV, 2009, p. 37).

Pilatos não vê outra alternativa a não ser confirmar a sentença de morte do Sinédrio contra Yeshua<sup>13</sup>. Ato contínuo, ele pede que Ha-Notzri seja entregue ao chefe do serviço secreto (BULGÁKOV, 2009, p. 38-39). Ao mesmo tempo, o Procurador pede que chamem imediatamente Caifás, pois ele tem questões importantes para tratar com o sumo sacerdote.

Tão logo este líder religioso judeu chegou, ele foi prontamente recebido por Pilatos. O Procurador lhe explicou que apesar de serem quatro prisioneiros sob a sua custódia, somente dois deles (Bar-Raban e Yeshua Ha-Notzri) seriam levados a julgamento, pois eles tinham sido capturados pelo poder local e foram julgados pelo Sinédrio. Estava claro o motivo de toda esta ênfase por parte de Pilatos: é que de acordo com a lei e tradição romanas, um desses dois criminosos deveria ser posto em liberdade em homenagem à festa da Páscoa que se aproximava (BULGÁKOV, 2009, p. 40, 46-47).

Caifás pediu, então, a imediata libertação de Bar-Raban (BULGÁKOV, 2009, p. 40), ao que Pilatos contra argumenta pedindo-lhe que mude de opinião e que, de comum acordo, ambos soltassem Yeshua (BULGÁKOV, 2009, p. 40, 361). O sumo sacerdote não aceita esse pedido e reforça a sua posição pela soltura de Barrabás. O seu argumento era que Yeshua seria um sedutor do povo, e que ele não teria vindo trazer paz, mas, ao contrário, perturbar o povo, de modo que este último achincalhasse a fé e se levantasse contra as espadas romanas. E isso, ele, enquanto sumo sacerdote, não iria permitir (BULGÁKOV, 2009, p. 41). Ao ouvir os seus argumentos, Pilatos<sup>14</sup>, então, o responsabiliza pela morte de Yeshua (BULGÁKOV, 2009, p. 43).

sua vontade, movido pelo instinto de sobrevivência e pela praxe de burocracia romana.

<sup>13</sup> Milne (1990, p. 233) constata que Bulgákov dramatiza aqui um crime arquetípico de expediente político, especialmente quando Pilatos confirma a sentença de morte a um homem que ele sabe ser inocente. O arquétipo estaria também na base, durante as décadas de trinta e quarenta, das ações de Stalin na Rússia e de Hitler na Alemanha, na medida em que o crime de Pilatos teria sido replicado através da maquinaria estatal em ambos os países.

<sup>14</sup> Farrar (1886, p. 443), muito embora responsabilize os judeus pela morte de Jesus, fazendo com que Jerusalém deixasse inclusive de ser vista como a Cidade dos Justos para se tornar a Cidade dos Assassinos, não deixa o Procurador romano sem a sua parcela de culpa, principalmente quando ele diz: “Pilatos era culpado, e culpa é covardia, e covardia é fraqueza” (Farrar, 1886, p. 428).

## Segundo Núcleo de Informações

Bulgákov enfatiza as terríveis condições físicas e mentais experimentadas pelos crucificados.

De imediato, os três prisioneiros condenados à morte (Yeshua Ha-Notzri, Dismas e Getas) foram levados até o Gólgota ou Calvário (em russo: *Lýssaia Gora*) em uma carroça, onde seriam executados. Cada um deles trazia uma placa, pendurada no pescoço, em que estava escrito “ladrão e rebelde” em dois idiomas: aramaico e grego (BULGÁKOV, 2009, p. 197).

Somente Mateus, o Levita, um coletor de impostos, explicitamente nomeado como discípulo ao longo de todo o romance<sup>15</sup>, era a única testemunha não participante da execução de Yeshua (BULGÁKOV, 2009, p. 200-203). A multidão não mostrou nenhum interesse nessa execução, salvo por alguns xingamentos que alguns lançaram em direção aos bandidos (BULGÁKOV, 2009, p. 199). Portanto, com exceção de Mateus, o Levita, eram romanos todos os demais participantes da crucificação de Yeshua, Dismas e Getas.

Ao final da terceira hora de crucificação, os condenados começaram a demonstrar sinais claros da violência a que estavam submetidos: Gestas havia enlouquecido com as moscas e o sol, e cantarolava baixinho algo sobre a uva (BULGÁKOV, 2009, p. 206). Dismas sofria mais do que os outros dois, pois a consciência não o deixava, e ele balançava a cabeça com frequência, fazendo sempre o mesmo movimento (BULGÁKOV, 2009, p. 206). O mais resignado de todos era Yeshua. Nas primeiras horas ele teve vários desmaios, depois perdeu a consciência, ficando de cabeça pendurada. As moscas e as varejeiras cobriram todo o seu corpo. A fim de abreviar o sofrimento de todos os três, o carasco transpassou com uma lança o coração de cada um deles (BULGÁKOV, 2009, p. 207-208).

Aproveitando que todos os soldados romanos haviam ido embora por causa da forte chuva que caiu sobre Jerusalém, Mateus, o Levita, tirou o corpo de Yeshua da cruz e o levou embora (BULGÁKOV, 2009, p. 208, 367). Posteriormente, os soldados romanos acharam o corpo de Yeshua junto com este discípulo. Após roubar o corpo, Mateus, o Levita, o escondeu na caverna do

<sup>15</sup> Para Mateus, o Levita, ser um discípulo de Jesus, ver: Renan, 1895 (1863), p. 166. Bulgákov parece fazer de Afrânio (2009, p. 353-354), o chefe do serviço secreto de Pilatos, e Niza (2009, p. 355-358), amante de Judas, seguidores de Jesus. O primeiro informa a segunda onde ela poderia encontrar Judas, fazendo-o ir até o local onde ele seria assassinado por indivíduos não mencionados.

lado norte do monte Gólgota. Por causa deste ato, os soldados o prenderam e o levaram até Pilatos (BULGÁKOV, 2009, p. 367).

### Terceiro Núcleo de Informações

Bulgákov fala não apenas do sumiço do corpo de um dos crucificados, como também de Judas Iscariotes.

Sobre o primeiro conjunto de informação, Pilatos pede a Afrânio, o chefe do seu serviço secreto, que suma com os corpos dos três crucificados (BULGÁKOV, 2009, p. 208, 346, 367). Como observado, tão logo os soldados recuperam o corpo de Yeshua, essa missão foi realizada com sucesso. Não deixa de ser interessante observar, porém, que os soldados cederam à insistência de Mateus, o Levita, que exigia participar do sepultamento. Desta forma, eles permitiram que o discípulo de Yeshua Ha-Notzri os acompanhasse até o local onde foram enterrados os corpos dos crucificados (BULGÁKOV, 2009, p. 368)<sup>16</sup>.

Ao mesmo tempo, o Procurador também pediu ao chefe do serviço secreto que lhe ajudasse a impedir o assassinato de Judas, o traidor (ver acima item II; cf. tb Bulgákov, 2009, p. 348), responsável direto pela prisão de Yeshua (BULGÁKOV, 2009, p. 347). Por ter cometido tal ato, Judas recebeu trinta moedas de prata do sumo sacerdote (BULGÁKOV, 2009, p. 347-348, 354, 358, 363).

Pilatos explica a Afrânio que ele recebeu “a informação de que um dos amigos secretos de Ha-Notzri, estarecido com a monstruosa desse cambista [referindo-se a Judas], combinou com seus cúmplices matá-lo hoje à noite” (BULGÁKOV, 2009, p. 348).

### Quarto Núcleo de Informações

Bulgákov relata o assassinato de Judas e o material que Mateus, o Levita, estava escrevendo sobre Yeshua.

Com relação a Judas, apesar de ter recebido a incumbência de impedir

<sup>16</sup> Não deixa de ser interessante notar que praticamente no final do romance, Bulgákov (2009, p. 408-409) faz um encontro (marcadamente situado no plano metafísico) entre Mateus, o Levita, e Woland. O referido discípulo lhe diz que Yeshua leu a obra do Mestre e pede a Woland que o leve consigo, devolvendo-lhe a tranquilidade. Fica claro que Yeshua está vivo, tendo ressuscitado do mundo dos mortos, apesar de o romance não tocar nessa questão. Ele se coloca como sendo o senhor do mundo da luz, em oposição ao de Woland, caracterizado pelas sombras.

o seu assassinato, Afrânio não conseguiu evitá-lo. Judas foi esfaqueado até a morte e seu corpo ficou jogado no chão no Getsêmani (BULGÁKOV, 2009, p. 358, 362; cf. tb. CHEVITARESE, 2008, p. 65-77). Quanto ao saco contendo as trinta moedas de prata, jogaram-no na casa do sumo sacerdote (BULGÁKOV, 2009, p. 363).

Pilatos diz a Afrânio que vão espalhar o boato de que Judas não foi assassinado, mas que se matou (BULGÁKOV, 2009, p. 366).

Quanto ao encontro de Pilatos com Mateus, o Levita, o Procurador detinha uma informação previamente passada pelo próprio Yeshua, qual seja: a de que esse discípulo vivia lhe seguindo e escrevendo sem parar em um pergaminho de pele de cabra (Bulgákov, 2009, p. 27-28, 370ss). No entanto, como observara Yeshua a Pilatos, o que esse seu discípulo estava escrevendo não tinha nada a ver com o que ele próprio falava ao povo.

O próprio Pilatos, ao ter a oportunidade de ver o que estava escrito nesse material, comentou: “[...] era uma cadeia de certas expressões, de datas, de anotações, de atividades e de trechos poéticos” (BULGÁKOV, 2009, p. 371).

Não deixa de ser interessante notar esta ênfase no fosso que se estabelece entre a ação “histórica” de Yeshua e o “evangelho” de Mateus, o Levita. Este descompasso entre História e narrativa evangélica já tinha sido apontado muito mais cedo por Bulgákov, quando ele trouxe o diálogo envolvendo as personagens Woland e Berlioz (BULGÁKOV, 2009, p. 9). Este último, após ouvir a história contada acima pelo professor Woland, diz: “Sua história é extremamente interessante, professor, apesar de não coincidir em nada com o evangelho” (BULGÁKOV, 2009, p. 49). Ao que o referido professor lhe responde: “Perdão, mas ninguém mais do que o senhor deveria saber que absolutamente nada do que está escrito no Evangelho jamais aconteceu na realidade” (BULGÁKOV, 2009, p. 49).

Esta ideia<sup>17</sup> já havia aparecido na narrativa de Bulgákov, no exato mo-

<sup>17</sup> Deve-se considerar aqui o conhecimento de Bulgákov acerca das ideias de Robertson (1856-1933) e de Drews (1865-1935). Ambos os autores, situados entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do XX, podem ser inseridos na denominada “escola mitológica”, cuja ênfase residia em ver Jesus Cristo como um mito, uma simples invenção, sem qualquer referência com o judeu nazareno da História (Milne, 1990, p. 232). Assim podem ser recordadas, em cada um dos referidos autores, falas que ajudam o leitor a entender o objetivo da denominada “escola mitológica”. Em Drews (1910, p. 235), por exemplo: “[...] não sabemos nada de Jesus, de uma personalidade histórica de que o nome a quem os eventos e discursos gravados nos Evangelhos referem”. “Jesus foi do primeiro ao último uma figura emprestada do mito, a quem o desejo de redenção e fé ingênuas dos povos asiáticos ocidentais tem transferido

mento em que o próprio Berlioz explicava ao poeta Ivan Nikoláievitch: “[...] esse Jesus, como personalidade, jamais existira no mundo e que todas as histórias sobre ele eram simples invenções, o mito mais comum” (BULGÁKOV, 2009, p. 11). Da mesma forma, o próprio Bulgákov, ao se referir à sua personagem Berlioz, constata:

É necessário observar que o editor era uma pessoa culta e, com muita desenvoltura, referia-se aos antigos historiadores em sua fala, por exemplo, ao famoso Fílon de Alexandria e ao brilhantemente educado Flávio Josefo, que nunca haviam dito sequer uma palavra sobre a existência de Jesus. Demonstrando uma erudição sólida, Mikhail Aleksándrovitch informou ao poeta, entre outras coisas, que aquele trecho, no quadragésimo quarto capítulo do décimo quinto livro dos famosos *Anais* de Tácito, no qual se relata a execução de Jesus, era nada mais, nada menos, que uma falsa e tardia inserção (BULGÁKOV, 2009, p. 11).

IV. Não deve ser perdido de vista que *O Mestre e Margarida* é uma obra estritamente literária, um romance. Implica dizer, prioritariamente: o autor escreveu uma obra literária, não um tratado histórico. No entanto, deve-se ressaltar, esta obra traz fortes críticas políticas ao seu tempo histórico, com Bulgákov deixando transparecer claramente as violentas tensões causadas pela falta de liberdade e das garantias individuais ao sujeito produzidas na Rússia stalinista.

Como um marco temporal gravado no texto está o processo de passagem de uma política de tolerância religiosa para um ateísmo estatal militante, a partir de 1928 (MILNE, 1990, p. 233). Os diálogos travados entre Woland e Berlioz constituem aqui um testemunho incontestável desse processo (ver acima o Quarto Núcleo de Informações). Bulgákov insere-se aqui como um crítico ferrenho desse ateísmo estatal militante, não porque ele fosse um cristão fervoroso, já que não há nada em sua biografia e/ou em seus escritos que o revele como sendo um homem pio. Além disto, fica claro, em *O Mestre e*

todas as suas concepções de bem-estar da alma”. Também Robertson (1910 (1900), p. 125) segue pelo mesmo caminho: “Nenhum especialista acredita que todos os discursos ostensivamente reportados em Tito Lívio e Tucídides tenham sido realmente proferidos; mas, embora não seja recordado que quaisquer relatórios de ditos de Jesus existissem em qualquer forma na época de Paulo, nos pedem para acreditar que um grande número de discursos de Jesus, feitos por volta do ano trinta, foi fielmente reproduzido, sem acréscimo quarenta ou mais anos depois; e que tais documentos, ao longo de um século, ninguém nada acrescentou, numa época de falsificação corriqueira, são provas válidas. Claramente, isto é um simples fanatismo. Tudo o que pode racionalmente ser alegado é que um professor ou professores chamados Jesus, ou vários professores com nomes diferentes chamados de Messias, podem ter messianicamente proferido alguns desses ensinamentos em vários períodos, presumivelmente após a escrita das epístolas paulinas”.

*Margarida*, a sua não crença em Jesus como um ser divino, bem como nas narrativas evangélicas se constituírem como fontes confiáveis para se chegar ao Jesus da História.

Mas, como observou Milne (1990, p. 233), nos capítulos relacionados à cidade de Jerusalém, Bulgákov parece ver, por detrás das muitas falsificações acerca de Yeshua, a constituição de um raro momento histórico, onde é forjado um novo conceito de humanidade. Ha-Notzri acredita que todo o ser humano é bom, sendo dotado de elementos capazes de transformar o mundo. Foi movido pela necessidade de se construir o caráter e a visão de mundo da personagem Yeshua Ha-Notzri que Bulgákov lançou mão da pesquisa contida na *Primeira Busca do Jesus Histórico*.

Bulgákov traz à luz do dia a discussão sobre um tipo de pecado, que apesar de presente nos evangelhos, não mereceu uma atenção pormenorizada por parte dos evangelistas: trata-se do pecado da covardia. Mesmo ele sendo o eixo condutor de toda a narrativa sobre Yeshua, os evangelhos o tratam de uma maneira muito secundária, especialmente, mas não exclusivamente, nas três negações de Jesus por Pedro. A palavra “covardia” se faz presente inclusive nos escritos de Mateus, o Levita (BULGÁKOV, 2009, p. 371). Ela também é repetida inúmeras vezes por Pilatos, que se autoflagela pela sua inação, movida pela covardia.

Para Bulgákov, a covardia não é apenas um pecado, é o mais terrível de todos os pecados. Muito embora Jesus tenha sido capaz de perdoar Pedro pela sua covardia, Bulgákov não é capaz de perdoar a si mesmo, nem aos seus contemporâneos por esse abominável pecado, que não os deixa ser completamente livres na Rússia. Liberdade e coragem são possíveis, segundo Bulgákov, somente após a morte, no outro mundo, tal como acontece com o Mestre e Margarida, sob o signo de Woland. No mundo real, apenas os sonhos, em noites de luar, trazem as fantasias de liberdade e de coragem: somente neles a covardia é plenamente superada.

Toda essa percepção de Bulgákov acerca da covardia se desdobra numa acusação direta contra o regime stalinista, destacando a coragem ingênua, autodestrutiva e irracional de Yeshua Ha-Notzri. Talvez seja esse o legado que Bulgákov deixa sobre o Jesus histórico, a partir de uma mudança de ênfase que propomos à semântica do Sermão da Montanha: mal-aventurados são os covardes porque não herdarão o Reino de Deus! Por este motivo Pilatos não tomou posse do Reino de Deus, mas obteve a paz, alcançada após ter se vingado do traidor de Yeshua Ha-Notzri.



A covardia, uma indispensável qualidade existencial na sociedade regida pela máquina totalitária stalinista, era a razão dos sofrimentos nunca vistos na história contemporânea da sociedade russa. Escrito para “gaveta”, no período stalinista, *O Mestre e Margarida* colocou o Jesus histórico em grande circulação na sociedade do “degel” dos 1960 e, mais tarde, na época da “liberdade” e da bem-aventurança ingênua e idealista da “perestroika” dos 1980.

## Referências

- ANDRADE, H. F. (2002) *O Diabo solto em Moscou*. São Paulo: EDUSP.
- BARBUSSE, H. (1927) *Jésus*. New York: The Macaulay Company.
- BIÉDNYI, D. *Novyi Zaviêt bez iz'iana ot Ievanguelista Demiana*. Pravda, 12.04.1925 – 23.05.1925.
- BULGÁKOV, M. (2009) *O Mestre e Margarida*. Tradução: Zoia Prestes. Rio de Janeiro: Objetiva.
- BULGÁKOV, M. A. (2003) *Zapiski na Manjétkakh. Zapiski Pokóinika: Teatralnyi Roman*. (Anotações sobre Punhos de Camisa. Anotações do Defunto: o Romance Teatral). São Petersburgo: Azbuka-clássica.
- BULGÁKOV, M. A. (2004) *Biêlaia Gvárdiia*. (A Guarda Branca). Moskva: NF “Púchkinskaia Biblioteka”; OOO “Izdátielstvo AST”.
- CHEVITARESE, A. L. (2008) Evangelho de Judas: uma Luz no Fim de uma Antiga História? in: FUNARI, P. P. A., SILVA, G. J., MARTINS, A. L. (Orgs.) *História Antiga. Contribuições Brasileiras*. São Paulo: Annablume, p. 65-77.
- DOJDIKOVA, N. (2009) *Tchiêm byl nedovólien Berlioz? O Romanie M. A. Bulgákova “Máster e Margarita” e o “Probliêmie Khristá*. Neva, nº 7. Disponível em <<http://magazines.russ.ru/neva/2009/7/do28.html>> Acesso em: 28 fev. 2014.
- DREWS, A. (1910) *The Christ Myth*. London: T. Fisher Unwin.
- ECO, U. (2011) *O Cemitério de Praga*. Rio de Janeiro: Record.
- FARRAR, F. W. (1886) *The Life of Christ*. London: Cassel & Co.
- GRAETZ, H. (1949 (1873)) *History of the Jews. From the Reign of Hircanus (135 BCE) to the Completion of the Babylonian Talmud (500 CE)*. Philadelphia: The Jewish Publication Society of America, volume II.
- IAROSLÁVSKI (1937), in: *Bíbliia dlia Viêruiustchikh i Neviêruiustchikh*. Moskva: Antireligiúoznoie Izdátielstvo.
- KEIM, K. T. (1876a) *The History of Jesus of Nazara, Freely Investigated in its Connection with the National Life of Israel, and Related in Detail*. London: Williams and Norgate, 2<sup>nd</sup> ed, volume 1.
- KEIM, K. T. (1876b) *The History of Jesus of Nazara, Freely Investigated in its Connection*

- with the National Life of Israel, and Related in Detail*. London: Williams and Norgate, volume 2.
- KEIM, K. T. (1877) *The History of Jesus of Nazara, Freely Investigated in its Connection with the National Life of Israel, and Related in Detail*. London: Williams and Norgate, volume 3.
- KEIM, K. T. (1879) *The History of Jesus of Nazara, Freely Investigated in its Connection with the National Life of Israel, and Related in Detail*. London: Williams and Norgate, volume 4.
- KEIM, K. T. (1881) *The History of Jesus of Nazara, Freely Investigated in its Connection with the National Life of Israel, and Related in Detail*. London: Williams and Norgate, volume 5.
- KEIM, K. T. (1883) *The History of Jesus of Nazara, Freely Investigated in its Connection with the National Life of Israel, and Related in Detail*. London: Williams and Norgate, volume 6.
- LÓSSIEV, V. I. (1998) *Khudôjestvennaia Avtobiográfia Mikhaïla Bulgákova*. Moskva: OOO “Izdátielstvo AST-Ltd”, Viêtche, 1998. Disponível em: <<http://lib.rin.ru/doc/i/23774p1.html>> acesso 03/03/2014> Acesso em 01 mar. 2014.
- MILNE, L. (1990) *Mikhail Bulgakov. A Critical Biography*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PAGELS, E. (1996) *As Origens de Satanás*. São Paulo: Ediouro.
- POWELL, M. A. (1998) *Jesus as a Figure in History: How Modern Historians View the Man from Galilee*. Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press.
- REIMARUS, H. S. (1970 (1774-1778)) *Fragments*. Philadelphia: Fortress Press.
- RENAN, E. (1895 (1863)) *Vie de Jésus*. Paris: Calmann Lévy, 25ª ed.
- SKVORTSOV-STEPANOV, I. I. (1959) *Mysli o Relíguii*. Gospolitizdat.
- STRAUSS, D. F. (1972 (1835)) *The Life of Jesus Critically Examined*. Philadelphia: Fortress Press.
- TCHAIÁNOV, A. V. (1922) *Venedíktov, ili Dostopámiatnyie Sobýtia Moiêi Jízni*. M.: [Izdânie ávtora].
- WEEKS, L. D. (1996) *The Master and Margarita. A Critical Companion*. Illinois: Northwestern University Press / AATSEEL Critical Companions to Russian Literature.